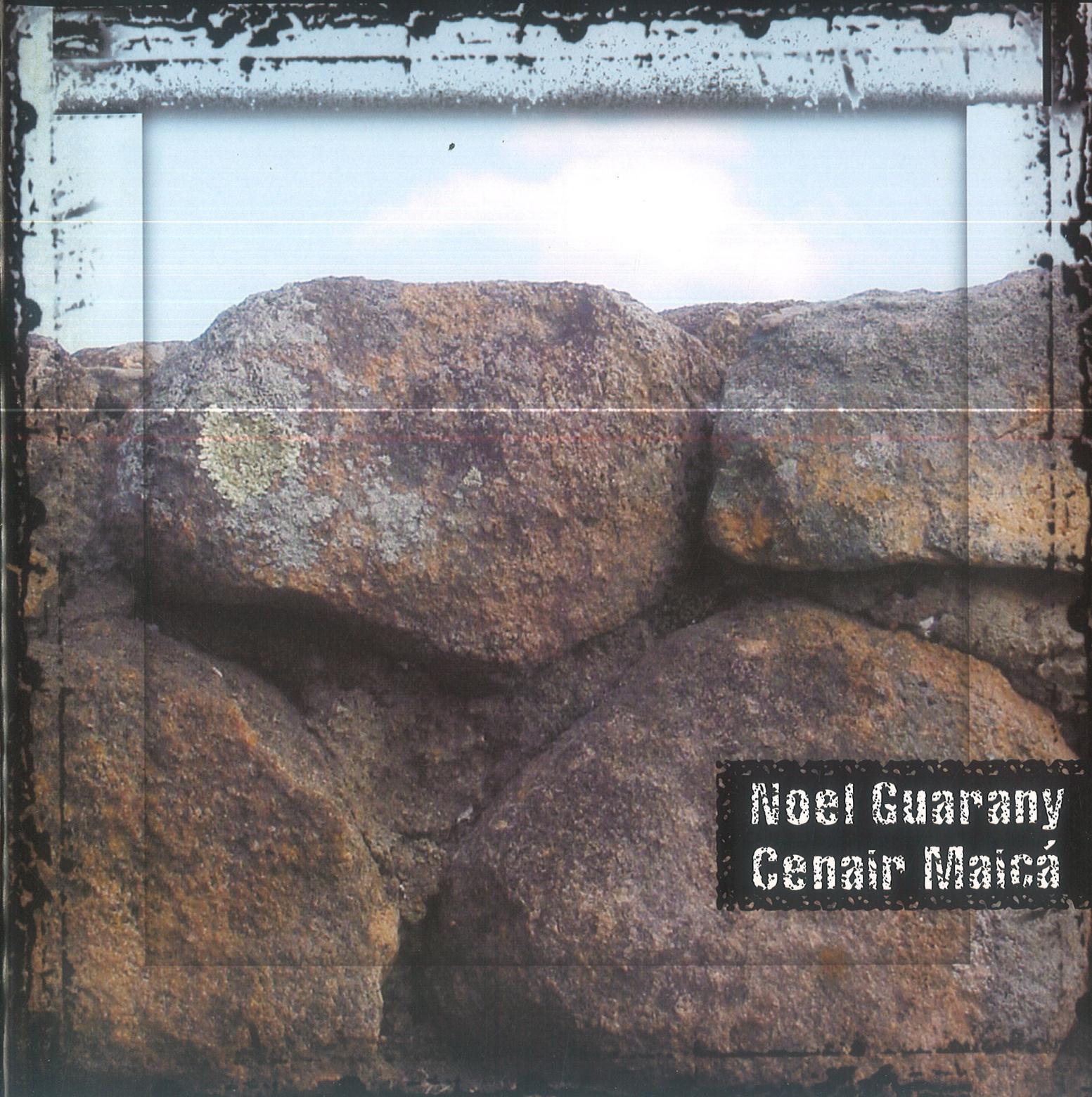


CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 20



Noel Guarany
Cenair Maicá



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossir Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Noel Guarany

O Arauto da Nação Missioneira

Detalhe de capa do LP "Noel Guarany Canta Aureliano de Figueiredo Pinto".

Ele era um turrão. Deu esquinção em meio mundo, do MTG ao ECAD, de Teixeira to cineasta Sylvio Back. Radical sempre ("Tenho uma coceirinha no dedo. De seis em seis meses tenho que dar um tiro em alguém"), injusto muitas vezes (queixava-se dos imigrantes italianos, alemães e japoneses: "são predadores culturais, não são gaúchos"), o índio não era flor que se cheirasse. Mas quando pegava no violão e começava a pagar, o galo missioneiro afrouxava o gatilho e apaziguava-se, até com os desafetos, com seu canto, mesmo quando as palavras de suas canções eram crispadas.

Noel Guarany foi a primeira grande expressão musical representativa da cultura das Missões. Falando o idioma guarani desde guri, pesquisando além-fronteiras em busca das influências hispânicas formadoras do nosso estado, Noel forjou um jeito missioneiro de cantar o gauchismo. Distante da música de baile (que menosprezava publicamente) e da canção mais popularesca, o compositor trilhou uma senda distinta, caracterizada pela preocupação com temas sociais e pela aclimatação regional de sonoridades argentinas, uruguaias e paraguaias. Junto com o poeta Jayme Caetano Braun, seu conterrâneo de Bossoroca, o músico buscou transmitir em sua arte a *gestalt* do que seria uma "nação missioneira", um enclave cultural e sociológico em pleno Rio Grande vivendo à sombra de três bandeiras (como costumava dizer Caetano Braun): indígena, platina e brasileira.

Para cantar-falar de seu povo, Noel popularizou entre os gaúchos a *payada*, forma musical originária da Argentina e do Uruguai cujos verdadeiros intérpretes no Brasil contam-se nos dedos - além de Noel Guarany e Jayme Caetano Braun, os entendidos apontam apenas Pedro Ortaça; não por acaso, também ele um missioneiro.

A golpes de adaga e a manotaços, Noel abriu caminho para nomes como Cenair Maicá, Jorge Guedes, Pedro Ortaça e "Os Tapes", artistas que, a despeito das diferenças de estilo, ressoam indiscutivelmente os ecos das Missões em seus trabalhos. Apesar dessa capacidade de mobilizar talentos com seu exemplo, Noel Guarany nunca deixou de ser um haragano: morreu prematuramente sem deixar herdeiros artísticos à altura do seu talento.

Esta página é uma colaboração de **Roger Lerina** - Jornalista



Cronologia Biográfica:

Noel Borges do Canto Fabrício da Silva

Noel Guarany

1941 - Nasce a 26 de dezembro, na cidade de Bos-sorooca (RS), filho de Antoninha Borges do Canto e João Maria Fabrício da Silva. Descendente de índios guaranis, foi criado em Garruchos e São Luiz Gonzaga; um de seus companheiros de infância foi Olívio Dutra, que afirma ter sido Noel "um guri rebelde", contumaz em "se bandear para o outro lado" (Zero Hora - 07/10/98). É que, na época, São Luiz Gonzaga ainda fazia fronteira com a Argentina.

1945/47 - Autodidata, aprende por seus próprios meios o idioma guarani, assim como tocar e compor. Aos quinze anos, maneja razoavelmente o acordeom e aos dezesseis adota o violão como forma de expressão de sua sensibilidade musical aguçada.

1960 - Percorre vários países vizinhos, com predileção por Argentina, Uruguai e Chile, onde, além de apresentar-se, busca elementos de fundamentação de pes-

quisa musical, entrevistando índios, intelectuais, folcloristas, peões e velhos músicos.

1962/68 - Apresenta-se em bailes e festividades, tocando *zambas* e milongas até 68, quando passa a dirigir programa próprio na Rádio de São Luiz Gonzaga e, logo, na rádio Cerro Azul (Cerro Largo/RS). A carreira de radialista ainda o levaria a apresentar programas nas rádios Guaíba e Gaúcha, de Porto Alegre, bem como à liderança sindical da categoria dos radialistas.

1970 - Lança seu primeiro disco, um compacto em parceria com Cenair Maicá, tendo de um lado *Filosofia de Gaudério* e de outro *Beleza Missioneira*. Apresenta-se com o parceiro em festivais folclóricos da Argentina.

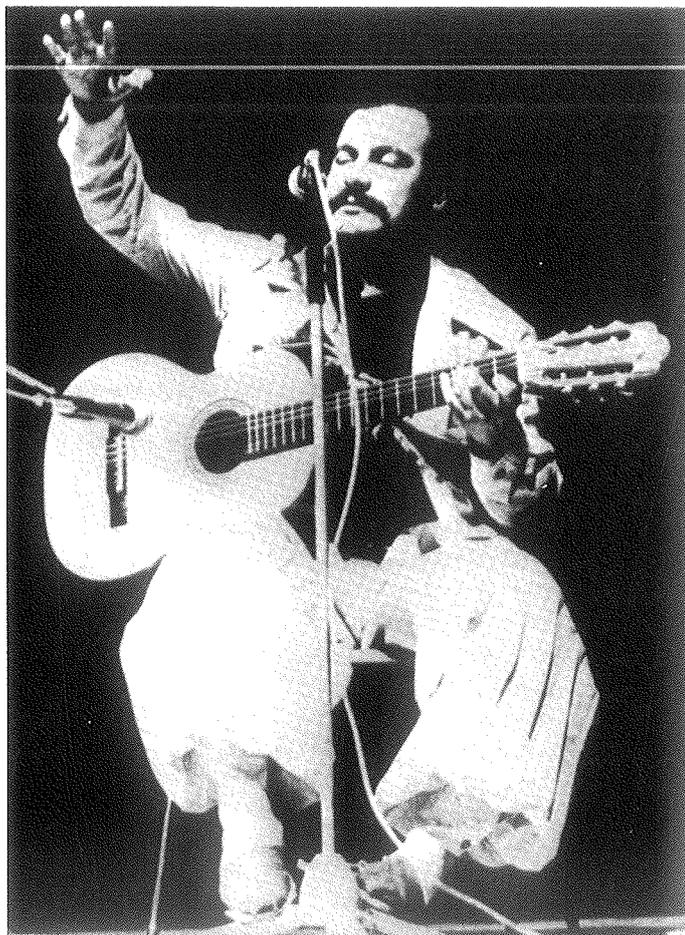
1971 - Grava o LP *Legendas Missioneiras*.

1973 - Pela gravadora Sinter-Phonogram, sai o LP *Destino Missioneiro*. Barbosa Lessa diz no texto da contracapa original que "Noel Guarany é autêntico como cantor e como gente. Traz consigo todas as virtudes e também todos os endeusados defeitos de sua raça. Quando lhe mostrei uma cantiga minha que fala de um gaúcho moço que quer ir para a cidade a fim de 'deixar de ser bagual', Noel me confidenciou num tom de voz profundo e com impressionante sinceridade: '-Don Lessa, eu acho muito mais importante continuar sendo bagual. ... Noel é autêntico em seu orgulho de ser talvez um dos últimos baguais do Rio Grande do Sul.'"

1975 - Grava pela Odeon o disco *Sem Fronteiras*, além de participar do álbum coletânea *Música Popular do Sul*. Funda, também, o Centro Nativista José Borges do Canto, em São Borja. Noel já carregava a marca da contestação. Provocava intensos debates sobre preceitos "nativistas" em oposição ao que considerava "tradicionalismo". Chegou a declarar que sentia "*cheiro de podridão na arte do Rio Grande do Sul, ao ver cantores suburbanos vestindo espalhafatosas indumentárias de souvenirs para iludir turistas trouxas*". Logo ganharia a alcunha (ou título) de "Payador Maldito".

1976 - Em meio a diversas apresentações na Argentina, grava de maneira independente, em Buenos Aires, parte do LP *Payador, Pampa y Guitarra*, com participação dos renomados músicos locais Raulito Barbosa, Argentino Luna e Palermo. Este disco, integrado por outra parte gravada por Jayme Caetano Braun em São Paulo, viria a ser um marco na cultura do Rio Grande, disseminando largamente a música missioneira e o estilo *payador*.

Aqui cabe esclarecer que a *payada* (também denominada por Barbosa Lessa como "cantiga de galpão")



Detalhe da contra-capa do LP "De Pulperias".

é um gênero (ou estilo) de ascendência argentina e uruguaia que tem entre seus mestres Gustavo Villón, José Larraude e Sandálio Santos. Trata-se de uma espécie de execução vocal entre o canto e a declamação acompanhada ao violão com temas muito próximos à milonga. No Brasil, a *payada* foi desenvolvida pelos músicos missioneiros liderados por Noel Guarany e Jayme Caetano Braun a partir dos anos 60 e está, hoje, incorporada ao cancionário gaúcho, apesar das polêmicas sobre suas origens, sendo facilmente encontrada em festividades e eventos culturais diversos. Apesar da tradição de declamações acompanhadas de violão no RS, a *payada* guarda características peculiares facilmente reconhecíveis.

(Ver mais sobre payada no fascículo Os Poetas - Jayme Caetano Braun).

1977 - Lançado na Assembléia Legislativa do Estado o LP *Payador, Pampa y Guitarra*, em concorrido show que contou com as presenças dos autores e dos convidados argentinos. Empreende várias apresentações nas fronteiras argentina e paraguaia ao lado de Cenair Maicá e Martin Coplas.

1978 - Sai pela RGE o LP *Noel Guarany Canta Aureliano de Figueiredo Pinto*. Neste disco, gravado somente com violão e voz, debruça-se sobre a obra do poeta falecido na década de 50, tido como figura emblemática da cultura gaúcha. Noel musicou os poemas ora cantando, ora *payando*, ao que a imprensa da época faz referência como "declamação-quase-canto". Realiza show na Assembléia Legislativa do Estado com Pedro Ortaça, Chaloy Jara, Lúcio Martinez e o estreante em Porto Alegre, Cenair Maicá.

1979 - Lança pela RGE o LP *De Pulperias*.

1980 - Grava o LP *Alma, Garra e Melodia*. A bebida começa a prejudicar-lhe a saúde (coisa que não escondia de ninguém). Torna-se irascível e exacerba o temperamento turrão, desentende-se com meio mundo.

1982 - Lança o LP *Para o que Olha sem Ver*, pela RGE. O texto da contracapa, de sua autoria, transparece a natureza de seu canto e sua disposição de ânimo: "*Procurase um meio de sensibilizar as massas para aprenderem a compreender a mensagem de amor, ódio e fraternidade(...) Ódio para aqueles que desrespeitosamente desprezam as humildes manifestações líricas, como a poesia voltada para o terrunho (...) Fraternidade para aqueles que, feudalisticamente, às custas da política, quiseram nos dividir, mas tudo foi infrutífero, porque jamais irão estancar a cultura de nossas fronteiras, somente com a vontade maquiavélica dos colonizadores culturais (...) nós, payadores da América, com a guitarra na mão, não a dei-*

xaremos sucumbir".

Adoece, afastando-se dos palcos por nove meses. Tenta valer-se da Previdência Social sem êxito. Reclama assistência por parte da gravadora com a qual mantinha contrato (RGE), também não consegue.

1983 - Em maio, em Itaqui, redige uma "Carta Aberta à Imprensa Nacional", relatando a situação de quase penúria a que tinha sido levado por falta de assistência tanto social quanto da gravadora, a qual faz cobrança pública de cumprimento contratual. Ataca, no mesmo documento, o ECAD, a Ordem dos Músicos e a Indústria Fonográfica Multinacional (sic). Conclui dizendo que "*Em razão de tais acontecimentos, sou forçado a tomar medida profilática, que é parar de cantar, até que os organismos competentes legalizem a situação do trabalhador fonográfico*". Escrito, assinado em cartório e cumprido, apesar de não imediatamente. Ainda realiza alguns shows no aguardo dos acontecimentos.

1984 - Assume programa na Rádio Universidade de Santa Maria. A idéia o agradava mais "*porque uma emissora estatal permite um trabalho mais didático, ao*



Noel com Chaloy Jara e Cenair Maicá.



Detalhe da capa do LP
"A Volta do Missioneiro".

contrário de uma emissora comercial". Anima-se com a possibilidade de intervenção federal no ECAD. Seus planos incluíam o relançamento de *Payador, Pampa y Guitarra*, pela Continental, além da produção de novo disco a intitular-se *Aquarela Guarani*. Explica à imprensa (Diário Serrano-03/84), que se trata de uma pesquisa em parceria com João Sampaio, escrita em guarani e português com base na Região das Missões, tal como era em 1840.

1985 - Retira-se dos palcos, cumprindo a promessa da carta de maio de 83.

1988 - Pela gravadora Discoteca, sai o LP *A Volta do Missioneiro* e pela RGE é relançado *De Pulperias*. Participa do LP *Troncos Missioneiros* ao lado de diversos músicos e compositores. Apesar dos lançamentos e gravações, teima em não se apresentar em público, permanecendo em um pequeno sobrado na Vila Santos, em Sta. Maria.

1989 - Duro golpe com a morte do companheiro e seguidor Cenair Maicá.

1991 - Em entrevista ao jornal Zero Hora (7 de abril) afirma estar disposto a interromper o auto-exílio. Sua intenção é gravar um disco com o cantor uruguaio Anibal Sampaio, mas fazer shows somente no Uruguai e Argentina.

Não havia perdido o hábito das declarações polêmicas. Começa por *"estou bem, como carne gorda e não tenho problemas com o colesterol, só a canha é que tem me feito mal"*, para logo abrir a metralhadora giratória com *"pra nossa infelicidade, tivemos que agüentar o Pedro Raymundo, Teixeirainha e os 'Irmãos Bertussi', incentivados pelos CTGs, que só sabem dançar, beber cachaça e comer churrasco"*. Garante também que a música missioneira é a mais respeitada do Brasil *"graças a mim, evidentemente"*. Por esta época é detectado um mal que até então atribuía apenas ao consumo excessivo de álcool. Uma doença degenerativa do cérebro (ataxia degenerativa cerebelar) começava a debilitar lentamente seu organismo.

1998 - Nos últimos cinco anos, teve poucos momentos de lucidez. Faleceu no dia 6 de outubro, na Casa de Saúde de Santa Maria, sendo enterrado em Bossoroca, sua terra natal. Teve quatro filhas, sendo três com Dona Neide Fabrício da Silva, sua derradeira companheira.

Polemizou com muita gente e brigou com outros tantos, como seria de se esperar de um missioneiro de estirpe, mas foi, fundamentalmente, o alicerce da música missioneira contemporânea, cujo caminho seria trilhado por vários bons artistas depois dele.



Depoimentos

Extraídos do Jornal Tchê (novembro/1984).



" A minha musiquinha é do campo, simples, sincera, sem rodeio nenhum, sem laços, sem laçar estrelas. Realidades camponesas que são pescadas por mim e revividas através do disco. O arbítrio prejudica a arte em qualquer país, é o inimigo nº 1 da arte. Milagrosamente eu consegui, nestes vinte anos de exceção, sobreviver nessa complexidade violenta da arte no Brasil, já que moro longe do eixo Rio-SP, os monopolizadores da arte no país."

" Andar de bombacha é a opção mais linda de todas, porque pior é a gente chegar na festa do peão boiadeiro em SP e ver aqueles camaradas com dinheiro sentirem prazer em dizer pra gente, de peito cheio e sem vergonha nenhuma, que suas botas e chapéus foram comprados no Texas."

" Quando houve o movimento pela legalidade, o Major Bogo criou o CTG Os Legalistas. Os militares

sentiram medo e surgiu daí o militarismo no movimento tradicionalista. O Coronel do Exército Decaminu assumiu as rédeas do MTG em 64.

O CTG mais importante do estado era o 35, então o Coronel Hugo da Cunha Alves assumiu a sua patronagem e o Major Sejanos Dornelles criou o CTG Vaqueanos da Fronteira (Alegrete). Eis que apodrece mais a coisa e surge o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), liderado pelo Coronel Hélio Mouro Mariante.

Nos CTGs de menor importância, assumiram sargentos reformados e capitães da Brigada. Tradicionalismo é do gaúcho, do civil, não tem nada a ver com caserna."

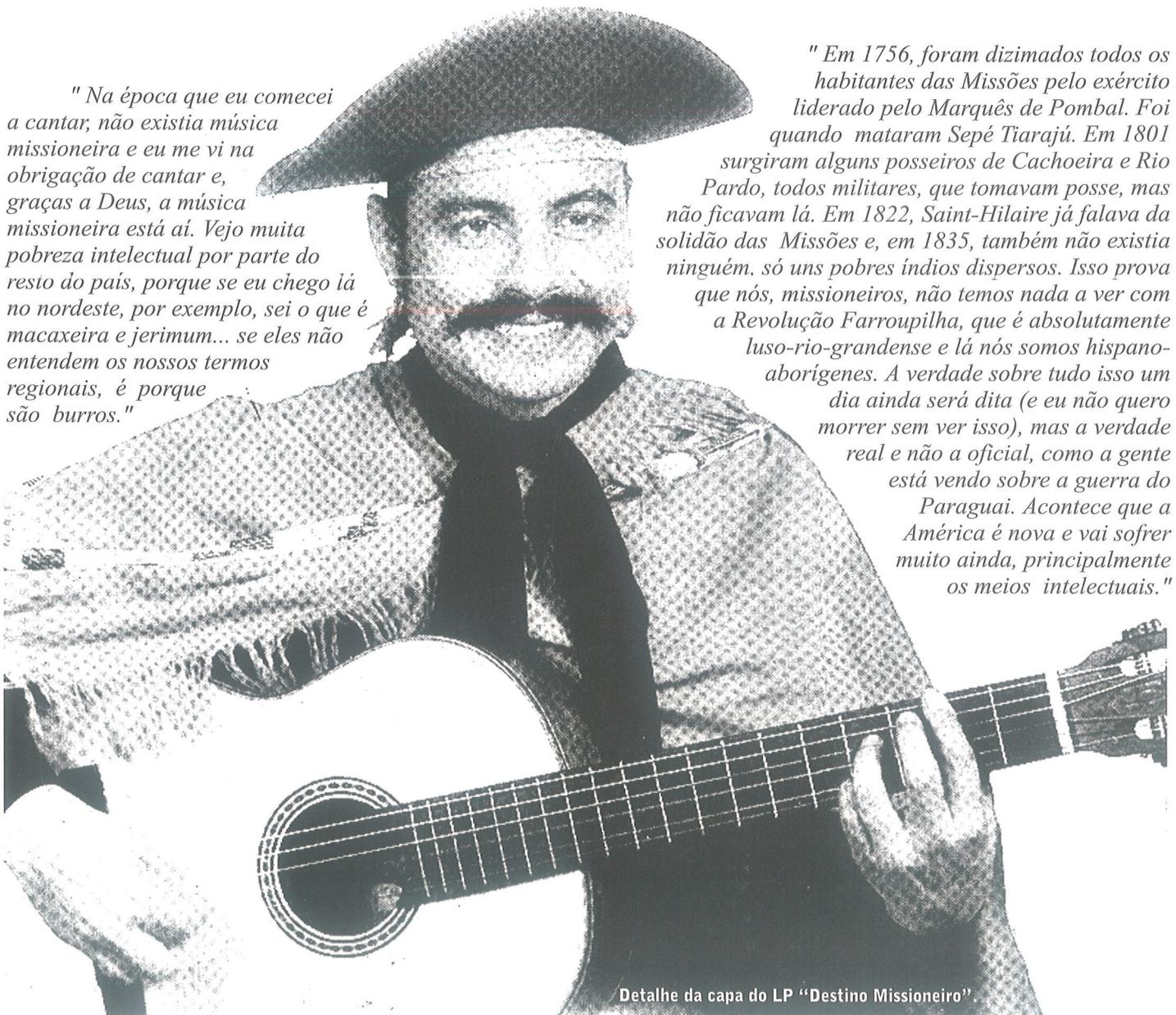
" Existe uma luta muito grande para que a arte do RS não seja marginalizada, seja aceita como música popular brasileira, como queria meu amigo Marcus Pereira. Com a marginalização da nossa música, quem perde mais é o Brasil. O único estado da federação que tem personalidade somos nós e a única região do RS que tem personalidade lírica marcante e absoluta é a das Missões."



" O MTG, de uma forma ou de outra, mete a mão em tudo o que existe no tradicionalismo rio-grandense, a exemplo dos festivais. Numa triagem, se uma letra de música denuncia alguma coisa é automaticamente cortada pelo MTG.

O CTG destrói a arte do RS quando só admite que alguém se apresente com músicas do tipo Baile da Mariquinha e não sei mais o quê, de conjuntos de baile que vão lá tocar para eles comerem carne, dançar, tomar cana e brigar... isso serve a eles. Aquela música que diz alguma coisa é perigosa; então esse músico é vergonhosamente repudiado no meio tradicionalista. Não se pode dizer nada ou o artista morre no ostracismo econômico e vai viver que nem eu, peleando só com um toco de adaga."

" Na época que eu comecei a cantar, não existia música missioneira e eu me vi na obrigação de cantar e, graças a Deus, a música missioneira está aí. Vejo muita pobreza intelectual por parte do resto do país, porque se eu chego lá no nordeste, por exemplo, sei o que é macaxeira e jerimum... se eles não entendem os nossos termos regionais, é porque são burros."



Detalhe da capa do LP "Destino Missioneiro"

" Em Buenos Aires, na década de 30, a milonga gaúcha era muito lenta e não dava lucro para as multinacionais do disco. Daí surgiu a milonga citadina, de ritmo violento. Eu, nas Missões, tenho muita influência da rádio El Mundo e os meus irmãos argentinos são os mesmos Silva e Cardoso daqui, a mesma discriminação racial que tem aqui, tem lá.

O gaúcho serrano hoje toca uma milonga cheia de ritmo como a de Gardel dos anos 30. Ele antes tocava músicas do folclore argentino; como não dava pé com as multinacionais, passou para o tango. Todo o músico da minha terra que não falar esta verdade está mentindo. Se somos bons músicos, agradecemos ao legado argentino dos anos 30."

" Em 1756, foram dizimados todos os habitantes das Missões pelo exército liderado pelo Marquês de Pombal. Foi quando mataram Sepé Tiarajú. Em 1801 surgiram alguns posseiros de Cachoeira e Rio Pardo, todos militares, que tomavam posse, mas não ficavam lá. Em 1822, Saint-Hilaire já falava da solidão das Missões e, em 1835, também não existia ninguém, só uns pobres índios dispersos. Isso prova que nós, missionários, não temos nada a ver com a Revolução Farroupilha, que é absolutamente luso-rio-grandense e lá nós somos hispano-aborígenes. A verdade sobre tudo isso um dia ainda será dita (e eu não quero morrer sem ver isso), mas a verdade real e não a oficial, como a gente está vendo sobre a guerra do Paraguai. Acontece que a América é nova e vai sofrer muito ainda, principalmente os meios intelectuais."



De Pulperias

Noel Guarany

1 UM PA GHA DOR QUE SE PRE ZA MES MO RO DAN DO... NÃO CAI

5 UM PA GHA DOR QUE SE PRE ZA MES MO RO DAN DO... NÃO CAI

9 RE COR REA VI DA CAN TAN DO... AOS PÉS DOE TER SO PAI E DE

13 FOS VOL TA DE NO VO CAN TA PRAO PO VOE SE VAI CO NHE COAS FE NAS DO

18 MUN DO DE TAN TO QUE JÁ AN DEI CO NHE COAS FE NAS DO

22 MUN DO DE TAN TO QUE JÁ AN DEI DIZ QUEE XIS TE SE TE

26 FE NAS... SE TE MIS TE RUS TAM DÉM AS MI NHAS FER LI A CON TA MIS TÉ

31 RIOS NÃO EN CON TURE

Um payador que se preza
 Mesmo rodando não cai
 Um payador que se preza
 Mesmo rodando não cai
 Recorre a vida cantando
 Aos pés do eterno pai
 E depois volta de novo
 Canta pra o povo e se vai
 Conheço as penas do mundo
 De tanto que já andei
 Conheço as penas do mundo
 De tanto que já andei
 Diz que existe sete penas
 Sete mistérios também

As minhas perdi a conta
 Mistérios não encontrei
 Jamais me perdi no trilho
 Quando canto opinando
 Jamais me perdi no trilho
 Quando canto opinando
 Sempre falei as verdades
 A quem tiver escutando
 Humilde pra um
 peão de estância
 E touro para um contestando
 Às vezes duro de queixo
 Às vezes meio macio
 Às vezes duro de queixo

Às vezes meio macio
 Às vezes com turbulência
 Às vezes calma de rio
 Desses que embalam estrelas
 Em claras noites de estio
 São manha dos payadores da minha
 terra missioneira
 São manha dos payadores da
 minha terra missioneira
 Mais ou menos são iguais
 na minha pátria campeira
 Touros quando em seu rodeio
 Touraços a vida inteira

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Chimarrita de Galpão

Noel Guarany

1 A TRO TE E A GA LO PE PER CO RRO QUAL QUER LON JU RA COM A MINHA VI DA NOS

9 TEN TOS EA JUS TI ÇA NA CIN TU RA É COI SA LIN DA DE VER QUAN DO UM IN DIO SE A GAR RA

18 E DIS TOR CEO "DO ZE PRA ÇA" DAN DO "PIA LOS DE CU CHA RRA" EA DI RI GIR A FES TAN ÇA NO COM

26 PAS SO DA CHIA MAR RA O DI A QUEBU A MA NHE ÇO COM OS PES APA PA GAI AN DO

34 COMAS BOM ÉA CHA RE MAN GA DABO TI RA DOR DO OU TRO LA DO ME LI GOU NA MI NHA FREN TE NÃO PAS

41 SA SEM SER NO TA DO QUEM SE RA A QUE LE LOU CO QUE VAI TO DOÁ DIS PA RA DA

49 RES FON DI NO PÉ DA LE TRA NÃO É LOU CO, NÃO É NA DA A QUE LE LÁE UM GA Ú CRO QUE VAI

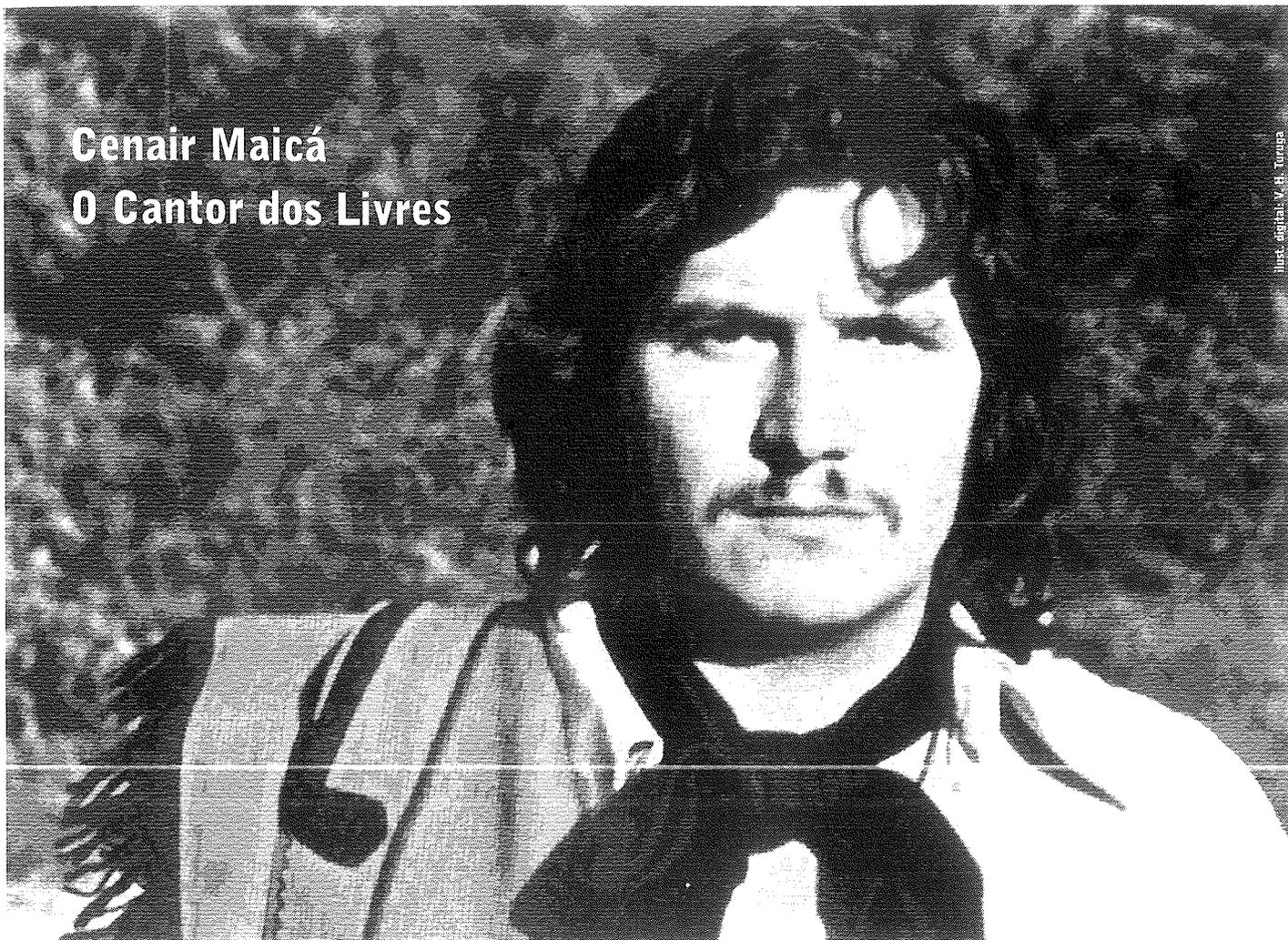
56 VHR SUA NA MO RA DA

A trote e a galope
 Percorro qualquer lonjura
 A trote e a galope
 Percorro qualquer lonjura
 Com a minha vida nos tentos
 E a justiça na cintura
 Com a minha vida nos tentos
 E a justiça na cintura
 É coisa linda de ver quando um índio se agarra
 É coisa linda de ver quando um índio se agarra
 E distorce o "dozepraça" dando "pialos de cucharra"
 E a dirigir a festança no compasso da chamarra
 E a dirigir a festança no compasso da chamarra
 O dia que eu amanheço com os pés apapagaiando
 O dia que eu amanheço com os pés apapagaiando
 Com as bombacha remangada
 E o tirador do outro lado

Me ligou na minha frente
 Não passa sem ser notado
 Me ligou na minha frente
 Não passa sem ser notado
 Quem será aquele louco que vai todo à disparada
 Quem será aquele louco que vai todo à disparada
 Respondi no pé da letra
 Não é louco, não é nada
 Aquele lá é um gaúcho que vai ver sua namorada
 Aquele lá é um gaúcho que vai ver sua namorada
 Sou domador de mão cheia
 Ginetaço flor e flor
 Sou domador de mão cheia
 Ginetaço flor e flor
 Traço o laço e ainda por cima tenho sorte pro amor
 Não sou manco na guitarra, guitarrreiro e payador
 Não sou manco na guitarra, guitarrreiro e payador

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.

Cenair Maicá O Cantor dos Livres



Cenair Maicá era uma figura de altivez. Grandalhão, olhar firme, a boina basca a acrescentar à pilcha um toque de provocação, a voz troante. Uma imagem que acabou por se tornar símbolo do orgulho do homem missioneiro. Mas a cabeça erguida fazia Cenair ver as injustiças de sua terra: o estado de miséria dos descendentes dos índios reduzidos à precariedade da vida dos trabalhadores do campo. O cantor e compositor decidiu, então, que iria exaltar o telurismo do seu chão e as belezas do Rio Uruguai - às margens de onde cresceu - tornando-se uma constante referência em sua obra. Mas que também falaria das mazelas que seus olhos enxergavam no pampa.

Ao lado de Noel Guarany, Cenair Maicá viajou pela Argentina, no começo da carreira, trazendo de contrabando na mala de garupa, na volta das apresentações em festivais de folclore, os ritmos e sons platinos que se somariam às músicas dos guaranis aprendidas por ele desde cedo na vida. Assim, no comecinho dos anos 70, um Mercosul cultural e extra-oficial se insinuava no trabalho de missioneiros que derrubavam as fronteiras para importar da outra banda músicos como Martín Coplas e Antonio Tarragô Ros.

O acirramento de uma consciência social levou Cenair a politizar ainda mais sua obra e a tentar aproximá-la do público estudantil. Os tempos, no início da década de 80, porém, ainda eram de chumbo, e o músico chegou a ter uma música sua censurada, *Canto dos Livres*, que acabou virando um hino. É bem nessa época que começa o calvário de problemas de saúde de Cenair e que iriam martirizá-lo até à morte, em 1989, com apenas 41 anos.

Pouco antes do fim, Cenair Maicá já não apresentava aquela estampa desassombrada dos tempos de peleja. Estava visivelmente abatido, machucado. Fez valer, no entanto, o desejo de ser enterrado pilchado, pois se recusava terminantemente a vestir uma fatiota. Esse pessoal das Missões é assim: teimam em ser livres até mesmo na morte.



Cronologia Biográfica: Cenair Maicá



1947 - Nasce em Tucunduva (RS), no dia 3 de maio, filho de Orcina e Armando Maicá. Começa a vida nas proximidades do Rio Uruguai que marcaria sua memória e sua arte, assim como as canções guaranis dos "índios cantores" da região.

O pai, boiadeiro de profissão, vai trabalhar na província de Misiones, na Argentina, onde Cenair vive até aproximadamente os dez anos de idade. Lá começou a desenvolver o talento musical através das canções do folclore argentino.

1957 - A família volta a morar no Brasil e Cenair passa a apresentar-se na rádio Sulina de Santa Rosa, ao lado do irmão Adelque. A dupla "Irmãos Maicá", formada dois anos antes, só seria desfeita pela transferência, tempos depois, do irmão militar para Curitiba (PR).

1966 - Participa de várias apresentações do cantor e compositor José Mendes por algumas cidades gaúchas. Mendes ainda não tinha o sucesso de "Pára, Pedro" e vendia o próprio disco por onde andava (*ver fascículo José Mendes*).

1967 - Passa a trabalhar como vendedor das máquinas de escrever Olivetti.

1969 - Conhece o compositor Noel Guarany que influenciaria definitivamente sua linha de trabalho. Grava o compacto independente com as canções *Beleza Missioneira*, de sua autoria e *Filosofia de Gaudério*, de Noel Guarany. Este disco seria o primeiro registro da "música missioneira", que mais tarde projetaria nomes como Chaloy Jara, Jorge Guedes e Pedro Ortaça.

1970 - Viaja com Noel Guarany para a Argentina, apresentando-se em festivais folclóricos. Prossegue como vendedor de máquinas de escrever.

1975 - Consegue a concessão para administrar o restaurante turístico que funciona nas Ruínas de São Miguel.

1977 - Retoma a carreira artística, fazendo uma série de apresentações com o músico argentino Martin Coplas e Noel Guarany pelas fronteiras argentina e paraguaia.

1978 - Apresenta-se pela primeira vez em Porto Alegre, participando do show de Noel Guarany junto a Pedro Ortaça, Chaloy Jara e Lúcio Martinez.

Grava em maio/junho seu primeiro LP, *Rio de Minha Infância*, em São Paulo pela CID/Itamaraty. Nesta ocasião, manifesta o interesse em aproximar-se do público estudantil através de shows.

Era um momento de escalada dos movimentos sociais e políticos contra a ditadura militar. A música de teor engajado, produzida pelos missioneiros e seus parceiros argentinos, começa a romper as restrições dos jovens urbanos à música nativista. Martin Coplas já

vinha fazendo apresentações bem sucedidas para os estudantes desde o ano anterior.

1979 - Apresenta-se por todo o estado, sempre buscando concretizar o objetivo de atingir principalmente o público estudantil.

1980 - Lança o LP *Caminhos*, gravado em outubro na ISAEC com produção de Raul Ellwanger.

1983 - Grava também na ISAEC o LP *Canto dos Livres*. A faixa que dá o nome ao disco causa polêmica,





ao ter a divulgação proibida pela Polícia Federal por ocasião do lançamento do LP em São Paulo. A gravadora consegue a liberação, e a música torna-se um hino para os seus fãs. Tem a saúde gravemente abalada e acaba perdendo um dos rins.

1984 - O outro rim começa a falhar e Cenair passa a viver o drama das sessões de hemodiálise. Em meio ao sofrimento, prossegue compondo e chega ao final do ano com repertório para um novo disco: *Companheira Liberdade*, pela WEA.

1985 - Em julho, recebe um rim novo transplantado do irmão Darci. Demonstrando toda a garra missioneira que o caracteriza, lança em dezembro o LP *Meu Canto*, pela Continental/Chantecler. A bela capa do disco traz uma foto que não esconde o abatimento físico causado pela doença. Apesar da operação bem sucedida de transplante renal, os medicamentos anti-rejeição enfraqueceram-lhe as defesas orgânicas.

Logo após o lançamento do disco, contrai uma criptococose, vulgarmente conhecida como "fungo de pomba", que compromete seus pulmões. Os medicamentos, além de caríssimos, só existiam nos EUA. O drama comove a comunidade cultural e uma campanha de arrecadação de fundos, através de shows, salva-lhe a vida.

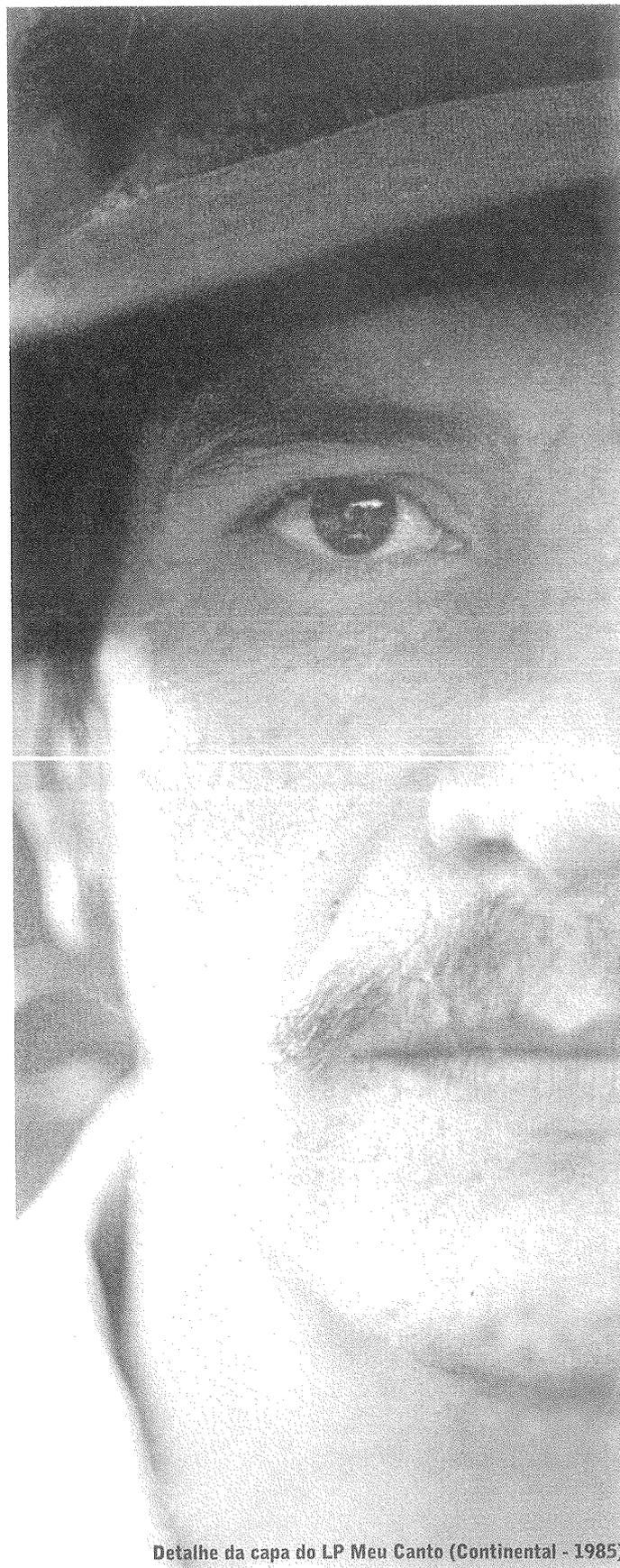
1987 - Nova cirurgia. Desta vez para extração de um gânglio.

1988 - Grava três músicas para o LP *Canto Missioneiro*, ao lado de Pedro Ortaça, Jayme Caetano Braun e Noel Guarany. Em novembro excursiona pelo Mato Grosso, volta a apresentar-se no RS, em Bento Gonçalves, e faz seu último show em Chapecó, Santa Catarina.

Em dezembro passa por derradeira operação: colocação de uma prótese femural.

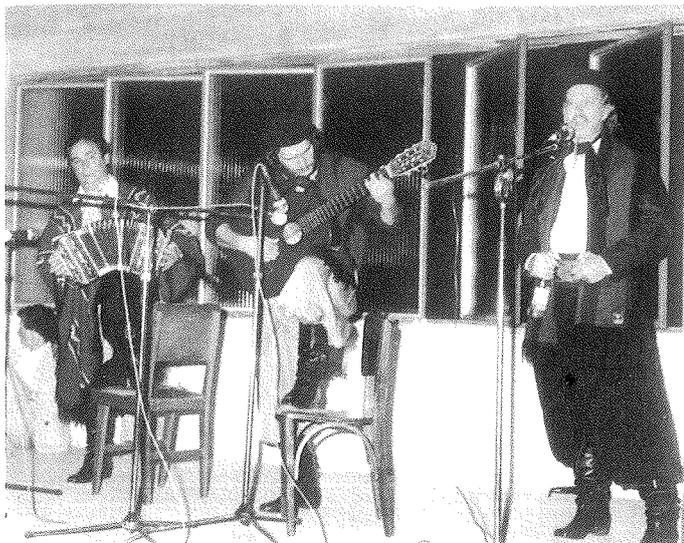
1989 - Transportado às pressas de Soledade, na madrugada do dia primeiro, é internado no Hospital São Francisco, em Porto Alegre. Falece no dia 2 de janeiro, de uma septicemia seguida de parada cardio-respiratória.

Deixou seis filhos de dois casamentos. A última companheira, Issara, fez cumprir seu desejo: ser enterrado pilchado, de botas e lenço vermelho no pescoço.



Detalhe da capa do LP *Meu Canto* (Continental - 1985)

Depoimentos



" Os CTGs querem ditar a cultura e não abrem fronteiras. A música é universal. Não adianta bitolar as cabeças, delimitar ritmos. Ser gaúcho é um estado de alma. Há pouco tempo, um tal 'doutor' em folclore andou dizendo que a milonga não é gaúcha. Ora, eu me criei ouvindo milonga na região de Santa Rosa. Outros ritmos chegaram com os imigrantes, a valsa, o chotes, a polca, que eu conheço como polca guarani. Então, eu tenho que cantar a minha vivência, aquilo que conheço. Cada região é diferente e não tem nada do que algumas pessoas querem, mas aquilo que elas são de verdade."

(O Interior - 03/10/83, p. 27)

*" João de Almeida Neto conta que, na triagem de um festival em que era jurado junto de Cenair, outro jurado pressionava para a classificação de uma música muito ruim, insistia que estava apenas mal gravada e que ao vivo ficaria melhor e etc., ao que Cenair respondeu *Companheiro, de bosta não se faz merengue nem com um caminhão de açúcar*. Esta história incorporou-se ao folclore dos festivais."*

" Transformaram os CTGs em simples bailantas; agora os CTGs já enfrentam a concorrência dos bailões, que é um esquema paulista. O MTG não admite nem discutir a história do Rio Grande e também estabelecem que ritmos devemos tocar; dessa forma, os CTGs acabam se distanciando do povo."

(O Interior - 03/10/83, p. 27)

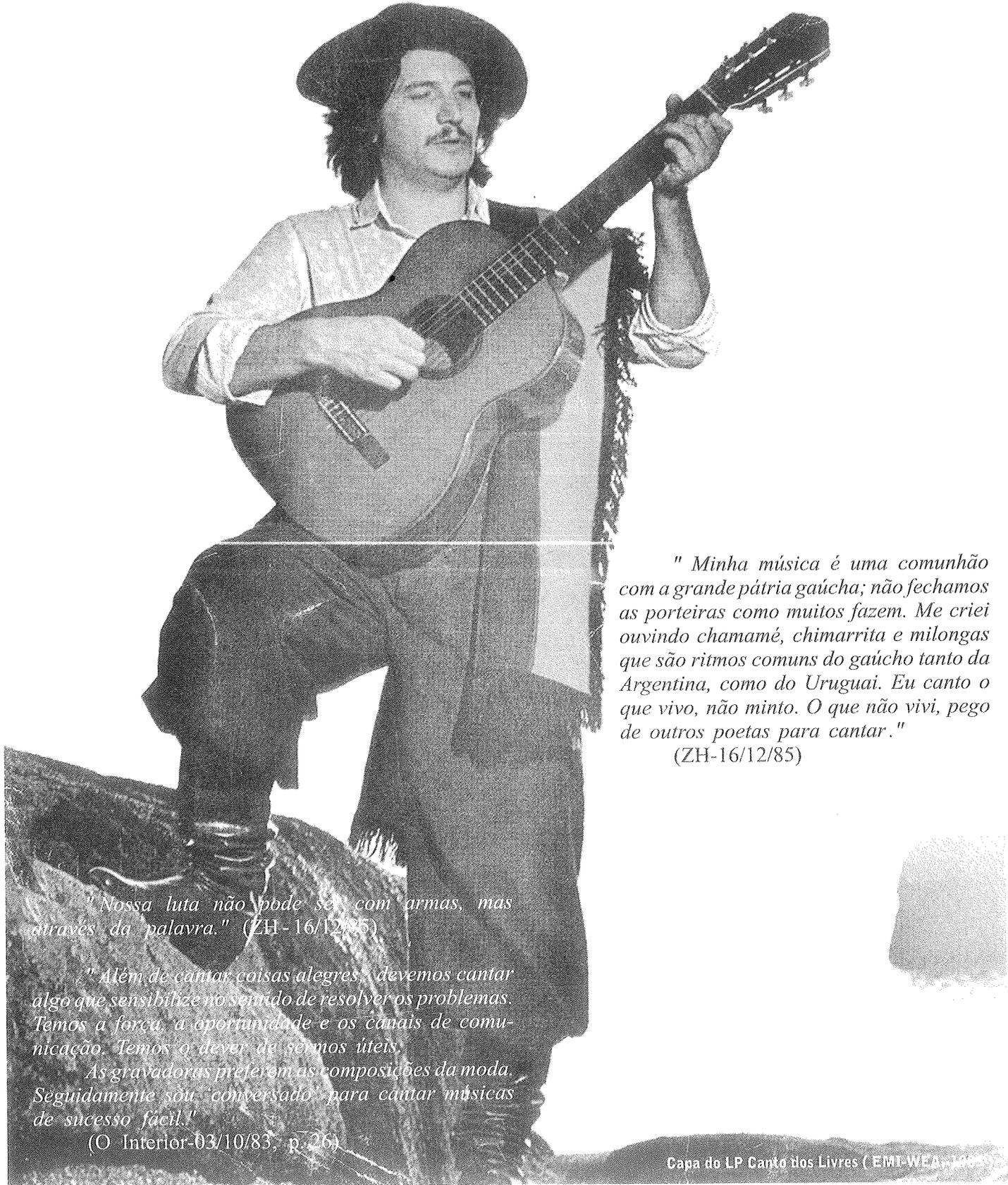
" Nos festivais, o pior é o ambiente de disputa, é a coisa mais triste que tem, não há integração nem

comunhão. O ideal seria uma mostra de música. Outro erro que vejo é o esquecimento dos artistas profissionais, por parte dos organizadores. Nossa carreira é sofrida e batalhada. Então, penso que estes festivais, que incentivam a música, têm que incentivar os que vivem de música e para música." (idem, p.27)

" Eu vi o autor de Fuscão Preto tocando no Festival do Disco; foi uma coisa ridícula, uma palhaçada. Um sujeito com um chapéu de americano, todo enfeitado. Parece que está rico, mas eu não faria uma coisa dessas nem ganhando tudo o que ele ganhou. O povão não é esclarecido e acaba aceitando esse tipo de coisa, mas quando uma composição toca na raiz, todo mundo sente e gosta, como o Baile de Sapucaia."



Noel Guarany e Cenair Maica



" Minha música é uma comunhão com a grande pátria gaúcha; não fechamos as porteiras como muitos fazem. Me criei ouvindo chamamé, chimarrita e milongas que são ritmos comuns do gaúcho tanto da Argentina, como do Uruguai. Eu canto o que vivo, não minto. O que não vivi, pego de outros poetas para cantar."

(ZH-16/12/85)

" Nossa luta não pode ser com armas, mas através da palavra." (ZH-16/12/85)

" Além de cantar coisas alegres, devemos cantar algo que sensibilize no sentido de resolver os problemas. Temos a força, a oportunidade e os canais de comunicação. Temos o dever de sermos úteis."

As gravadoras preferem as composições da moda. Seguidamente são "convertidos" para cantar músicas de sucesso fácil."

(O Interior-03/10/83, p. 26)

Capa do LP *Canto dos Livres* (EMI-WEA, 1985)



Canto dos Livres

Cenair Maicá

Se meu destino é cantar, eu canto
 Meu mundo é mais que chorar, não choro
 A vida é mais do que pranto, não sonho
 Com um matize sonoro
 Hai os que cantam "desditas" de amores
 Por conveniência, agradando senhores
 Mas os que vivem a cantar sem patrão
 Tocam nas cordas do seu coração
 Quem canta refresca a alma
 Cantar adoça o viver
 Assim eu vivo cantando pra aliviar meu padecer
 Quisera um dia cantar com o povo
 Um canto simples de amor e verdade
 Que não falasse em miséria e nem guerra

Nem precisasse clamar liberdade
 No cantar de quem é livre
 Há melodia de paz
 Horizontes de ternura
 Nesta poesia de andar
 Quisera ter alegria dos pássaros
 Na sinfonia do alvorecer
 E cantar para anunciar quando vem chuva
 E avisar que já vai anoitecer
 E, ao chegar a primavera com as flores
 Cantar um hino de paz e beleza
 Longe da prisão dos homens e da fome
 Pra nunca cantar tristeza

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Baile do Sapucay

Cenair Maicá

1 NES TE COM PAS SO DA GAÍ TA DO SA PU CAY SE BAI LA VAA NOI TEN
 4 DEI RA LA NA COS TA DOU RU GUAY LUZ DE CAN DEEI RO EO CHEI RO DA POL VA
 7 DEI RA E MA NA VA CAS TE LHA NGHE BRA SI LEI ROS NA FRON TEI RA CHIO RAM AS
 11 PRI MAS NO COM PAS SO DO MOR RÃO O GUI TAR REI RO CAN TA TO DAIN S TI RA (30) EA ACCR DE
 15 O NA, NUM SO LU CO RE FRE CHAR DO, MAR CAO COM PAS SO DO COS TEI RO SA PA TEAN DO
 19 MEU TE COM PAS SO DA GAÍ TA DO SA PU CAY SEAR PAS TA VAAO PAR DA
 22 GAÍ TA LA NA COS TA DOU RU GUAY CHI NAS TA CEI RAS NUM JEI TO PRO VO CA DOR VÃO SA RAN
 26 DEAN DO EUM CON VI TE PA RAOA MOR LE VAN TA POPI RA NO SA RAN DEI O BA GUI NA RE CE BEN DOA QUE RO
 30 SE NE COM CHEI RO DE NRI LHAN TI NA

Neste compasso da gaita do Sapucay
 Se bailava a noite inteira lá na costa do Uruguay
 Luz de candeeiro e o cheiro da polvadeira
 Emanava castelhanos e brasileiros na fronteira
 Choram as primas no compasso do morrão
 O guitarrero canta toda inspiração
 E a acordeona, num soluço refreschando,
 Marca o compasso do costeiro sapateando
 Neste compasso da gaita do sapucay
 Se arrastava ao par da gaita lá na costa do Uruguay
 Chinas faceiras num jeito provocador
 Vão sarandeando - é um convite para o amor
 Levanta poeira no sarandeio da china

Recebendo a querosene com cheiro de brilhantina
 Neste compasso da gaita do Sapucay
 O mandico se alegrava lá na costa do Uruguay
 Até a guarda costeira se esqueceu do contrabando
 E o Sapucay chegava a tocar se babando
 E a gaita velha babava no Sapucay
 Chegou a apodrecer o fole nesse faz-que-vai-não-vai
 São duas pátrias festejando nessa dança
 Repartindo a mesma herança
 Comungando a mesma rima
 E disse o poeta que o lendário rio corrente
 Uniu o casal continente pai Brasil mãe Argentina

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farrroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura